Atenuação e cortesia em intervenções
metaenunciativas na conversa
*Attenuation and courtesy in metaenunciative
interventions in conversation*

José Gaston Hilgert *

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: No desdobramento de uma conversa chama particular atenção a recorrente remissão do falante ao ato da formulação linguística em si, ora comentando e avaliando o próprio dizer ou negociando a palavra certa com o interlocutor, ora explicitando o trabalho de busca da formulação adequada ou qualificando o sentido das escolhas feitas. Nesse processo, o falante, de certa forma, suspende o curso do conteúdo da conversa e se volta a algum aspecto relativo ao modo de dizer esse conteúdo. Em outras palavras, instala-se no desdobramento da enunciação um dizer sobre o dizer, uma enunciação sobre a enunciação, em suma, uma metaenunciação. Entre as diferentes manifestações metaenunciativas distingue-se uma por sua natureza destacadamente interativa. Nela o enunciador, explícita ou implicitamente, encena um diálogo com o seu interlocutor sobre a propriedade ou conveniência do que foi ou vai ser dito no curso da interação. Nesse sentido, o enunciador pode se desculpar ou pedir permissão para usar determinadas palavras ou expressões, tratar de determinados assuntos, fazer alusão a outros, ou ainda justificar certos procedimentos discursivos. Pode ele também chamar atenção do interlocutor sobre o que e como vai dizer, destacando, assim, a seu ponto de vista em relação ao de seu parceiro de interação. A análise das atividades metaenunciativas desse tipo, em razão de seu caráter explicitamente interacional, revela que elas se caracterizam, predominantemente, por uma formulação marcada

* Professor Adjunto Associado da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, São Paulo, São Paulo, Brasil e CNPq; gastonh@uol.com.br

por traços de atenuação, configurando-se, por isso, em atos de cortesia. O objetivo deste artigo é, justamente, o de identificar e descrever recursos linguísticos de atenuação inerentes a essas intervenções metaenunciativas e, dessa forma, dar evidência à relação de cortesia que elas estabelecem entre os participantes da interação.

Palavras-chave: Atenuação. Conversa. Cortesia. Enunciação. Metaenunciação.

Abstract: As conversation unfolds it is noticeable the recurrent mention by speakers to the act of linguistic formulation itself, either by commenting or evaluating their own speech or by negotiating the correct word with the interlocutor, either by explicating the labor in searching for the most adequate formulation or by qualifying the meaning of the choices being made. During this process, the speaker stops the ongoing content of the conversation and turns himself to a particular way of uttering this content. In other words, conversation unfolds instantiated by metaenunciation. Among the different manifestations of metaenunciation, one is highlighted by its interactive nature. By using this strategy, the speaker, explicit or implicitly, stages a dialog with his interlocutor about the convenience of what has been or will be uttered. In this sense, the speaker may apologize or ask for permission to use specific words or expressions, to approach specific topics, to allude to other topics, or even to justify discursive procedures. The speaker may even draw his interlocutor attention to what it will be conveyed, thus highlighting his own point of view. The analysis of this kind of metaenunciative activities, given its explicitly interactive nature, reveals that they are predominantly characterized as formulations marked by attenuation, configured, therefore, in acts of courtesy. The central aim of this paper is to identify and describe linguistic resources used in attenuation inherent to these metaenunciative interventions and therefore to provide evidence to the courtesy relations established among the participants in interaction.

Keywords: Attenuation. Conversation. Courtesy. Enunciation. Metaenunciation.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo situa-se no âmbito dos estudos da conversação, considerada aqui objeto de investigação linguístico-discursiva¹. O fato de a conversa ser de natureza dialógica, cujo desdobramento envolve a alternância de turnos entre, no mínimo, dois interlocutores, leva evidentemente a privilegiar, para sua análise, teorias e métodos que contemplem esse caráter interacional. E sejam quais forem esses fundamentos de análise, todos eles têm em comum um princípio: nenhuma instância constitutiva de um enunciado conversacional foge da determinação interacional. É no aqui e agora da enunciação face a face que os falantes buscam e definem, interativamente, a melhor configuração de seus enunciados, visando a assegurar a mútua compreensão. O empenho dos interlocutores nessa “configuração ótima” (Clark, 1992, 1996a e 1996b; Hilgert, 2014) interativamente determinada projeta-se nos enunciados conversacionais em diferentes procedimentos e estratégias, como são, entre outros, as hesitações e as interrupções, as repetições e as paráfrases, os reparos e as correções, as “atividades profiláticas” (Fiehler, 2002; Hilgert, 2013), as atividades metadiscursivas em geral e as metaenunciativas em particular. É destas últimas que trataremos neste artigo, focalizando, especificamente, o modo cortês de ser do falante em operações metaenunciativas em que ele encena uma interlocução com o ouvinte para explicitar uma não-coincidência entre o dizer de um e outro. No desenvolvimento do texto, sempre amparados na análise de passagens conversacionais, trataremos, inicialmente, da noção de metaenunciação e de suas funções no desdobramento conversacional; a seguir, focalizaremos operações metaenunciativas que se caracterizam pela “não coincidência interlocutiva” (Authier-Revuz, 1998 e 2004); e, por fim, destacaremos o caráter cortês do falante nessas operações, fazendo antes, porém, uma breve retomada das categorias básicas que iluminam a análise das interações do ponto de vista da cortesia e da descortesia.

1 Essa ressalva lembra que existe uma análise da conversação de abordagem sociológica, configurada pela perspectiva da Etnometodologia (Garfinkel, 1967 e 1972; Sacks, 1992; Sacks, Schegloff e Jefferson, 1974). É da recepção dessa análise na Linguística, particularmente de suas orientações metodológicas, que se desenvolveu a análise da conversação linguística, ou seja, a Linguística Interacional (Gülich, 1991; Selting e Couper-Kuhlen, 2001).

elemento linguístico realizado por um comentário desse dizer” (Authier-Revuz, 1998, p. 84). Na metaenunciação o falante distancia-se, por um momento, do “conteúdo” e observa as palavras com as quais o expressou.

Esse dizer sobre o dizer é obviamente inerente ao processo de produção dos sentidos, já que, por meio dele, o falante *modaliza* o seu dizer, manipulando e negociando o uso das palavras e papéis interacionais e, assim, instalando um outro ponto de vista no processo da construção do enunciado.

Essa modalização, no dizer de Authier-Revuz (2004, p. 82-83),

suspende localmente, no termo visado, o caráter absoluto, inquestionado, evidente, o ‘óbvio’ vinculado ao uso-padrão das palavras. A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma ‘maneira de dizer’, relativizada (mesmo que seja para valorizá-la) dentre outras.

Nesse sentido, a atividade metaenunciativa revela em relação a seu escopo *uma não-coincidência*, na medida em que “o enunciador não se ‘faz uno’ no seu dizer, mas produz uma clivagem nesse dizer, distanciando-se de suas palavras, como um autocomentador de si mesmo” (1998, p. 84).

A natureza dessa não-coincidência é determinada pela função que a modalização exerce no ponto da enunciação em que ocorre e pela identidade do elemento modalizado. São quatro as categorias de não-coincidência reconhecidas por Authier-Revuz (1998, 1984): a não-coincidência entre as palavras e as coisas; a não-coincidência do discurso consigo mesmo; a não-coincidência das palavras consigo mesmas; e a não-coincidência interlocutiva. Expliquemos sucintamente cada uma dessas não-coincidência, valendo-nos de uma breve análise de um segmento conversacional em que elas ocorrem.

a) A não-coincidência entre as palavras e as coisas

(1) **Inf.** bom o que eu vejo lá:: na na praia o pessoal joga muito aquelas... raQUETes [assim]... jogam Vôlei ... [é tênis de praia que se chama] [aquele com raquete] é tênis de praia vôlei isso que eu vejo na praia né?... (p. 102)

Em (1), por meio dos elementos em destaque, “assim”, “é tênis de praia que se chama” e “aquele com a raquete”, o falante explicita, no desdobramento de sua fala, o trabalho de busca nem sempre bem sucedida da palavra “certa” para a “coisa” que quer denominar. A essa denominação ele finalmente chega quando diz “é tênis de praia vôlei”. Segundo Authier-Revuz (2004, p. 83), as atividades

metaenunciativas deste tipo “representam as buscas, hesitações, fracassos, sucessos... na produção da ‘palavra exata’, plenamente adequada à coisa”.

b) A não-coincidência do discurso consigo mesmo

- (2) **Inf.** inverno... outono... primavera... agora mesmo eu estava querendo ir ao Rio... pretendo ainda estou esperando uma:: um exame médico... mas já estou... [**como diz lá fora**] [arrepando o pelego]...(p. 156)

O procedimento metaenunciativo em destaque, “como se diz lá fora” tem a finalidade de atribuir a seu escopo, ou seja, à palavra ou expressão a que se refere, “arrepando o pelego”, uma outra fonte enunciativa. No dizer de Authier-Revuz (2004, p. 83), operações como essas “assinalam, no discurso, a presença de palavras pertencentes a um outro discurso”.

c) A não-coincidência das palavras consigo mesmas

- (3) **Inf.** nós não sabíamos se tinha dinheiro se era filho de pai rico se era filho de... pai pobre... o Lupicínio... o Lupicínio servia cafezinho... o pai dele... era... boy... [**naquele tempo não se dizia boy... dizia-se:: serVENTe**]... (p. 146)

Na passagem em destaque, o falante faz um comentário a propósito do uso que fez da palavra “boy”, informando o termo correspondente que se usava no tempo de Lupicínio. O segmento metaenunciativo concorre, então, para uma precisão do sentido da palavra “boy”. A fixação do sentido é a função deste recurso metaenunciativo, que se realiza pela “especificação de um sentido contra outro” (Authier-Revuz, 2004, p. 83), ou pela precisão do sentido na ocorrência de palavras polissêmicas, homônimas ou de outras formas de indefinição semântica.

d) A não-coincidência interlocutiva

- (4) **Inf.** com referência ao Padre Mosch ... eu o encontro seguidamente ... outro dia até nu:./ numa missa eu o encontrei ... e [**posso dizer o que ele diz para mim quando me encontro? ... posso dizer?**]

[

Doc. pode... lógico

Inf. como é Saul tu continua muito sem vergonha? (p. 200)

A passagem em negrito registra por parte do falante um explícito pedido de autorização ao interlocutor para inserir, na sequência da fala, as palavras do “Padre Mosch”. De uma certa forma, o falante submete à avaliação do ouvinte a propriedade dessa inserção no discurso, registrando, dessa forma, uma evidente negociação de seu dizer com o ouvinte.

É dessa operação metaenunciativa, em que o falante negocia o seu dizer por meio de uma encenação interlocutiva com o ouvinte, que trataremos na sequência.

3 A INTERLOCUÇÃO ENCENADA NA OPERAÇÃO METAENUNCIATIVA

Neste tipo de procedimento metaenunciativo, o enunciador, explícita ou implicitamente, instaura um diálogo com o seu interlocutor a propósito da propriedade ou conveniência do que foi ou vai ser dito no curso da interação.

Para conferir esse caráter interlocutivo, vejamos estes segmentos de fala:

- (5) **Inf.** entrei na faculdade... e... cursei felizmente todos os anos... sem perder um único ano... entrei com uma turma e saí com esta mesma turma... há um fato interessante... **[foge um pouquinho da pergunta]**...

Doc. não faz mal

Inf. mas em todo o caso... como nós estávamos conversando... eu tinha muita vontade que ficassem aqui ... o MAIS tempo possível então vou conversar mais um pouquinho... (p. 194)

Em (5), a atividade metaenunciativa do falante incide sobre um escopo a ser ainda inserido no discurso e instaura implicitamente um diálogo com o ouvinte, negociando com este a introdução de um tópico desviante no curso da fala.

- (6) **Inf.** fizemos um baile de gala... TOdos nós de casaca... traje a rigor... que marcou época naquela ocasião esse baile... tivemos até uma afluência muito grande e foi no salão nobre da Faculdade de Medicina... **[eu penso que::: estou respondendo mais ou menos a pergunta]** porque::: o que onde eu estudei mesmo foi no Ginásio Rosário... e depois entrei na faculdade... desta maneira... (p. 194-195)

Em (6), o falante se questiona quanto à propriedade do que está respondendo ao documentador, no caso, o seu interlocutor. Explícitamente, trata-se de uma autoafirmação em relação à adequação da resposta, implicitamente, porém, pelo contexto da conversa, percebe-se que há uma expectativa do falante para que o interlocutor lhe dê algum sinal sobre a propriedade da resposta.

- (7) **Inf.** [eu não devia dizer isto]... mas vou confessar porque disseram que eu tenho que dizer tudo aquilo... honestamente que estou pensando... e também me lembro que TODos aqueles CANtos do pátio do Ginásio Rosário em TODos eles eu estive de castigo de pé com os... livros debaixo de braço e olhando pra parede... em TODos eles... (p. 196-197)

Em (7), o falante considera, à primeira vista impróprio o que vai dizer, mas na **sequência da fala fica evidente que, com o recurso** metaenunciativo, está, na verdade, indiretamente interpelando o interlocutor a autorizá-lo a inserir o tópico “impróprio” na conversa em andamento e apresenta até um argumento para fazê-lo: “porque me disseram que eu tenho que dizer tudo aquilo... honestamente que estou pensando”.

- (8) **Inf.** e sempre fui muito amigo do:: ... dos meus professores de lá como também fui MUItO amigo dos meus professores na Faculdade de Medicina... (sempre tive) uma rela/ uma reação uma relação muito cordial com todos eles... [só quero dizer isso pra:: ... amenizar um pouquinho... os cantos em que eu estive de castigo não foi por malcriação]... (p. 197)

Em (8), com a passagem metaenunciativa o falante justifica ao interlocutor as razões por que prestou as informações anteriores, deixando a entender, implicitamente, que este poderia, eventualmente, considerá-las desnecessárias ou até impertinentes em relação à pergunta feita.

- (9) **Inf.** um ano nós fomos campeões da escola... e eu sinto não ter o retrato à mão pra mostrar... e [vou dizer outra coisa aqui... com um certa vaidade]... e e nós ganhamos o campeonato... e:: e saiu um:: no dia seguinte um clichê no Correio do POvo... com:: a fotografia do nosso time... (p. 201)

Em (9), o segmento metaenunciativo destaca o dizer em si da fala que segue. Trata-se de uma forma de alertar o interlocutor sobre a relevância que o falante dá à informação subsequente.

- (10) **Inf.** e foi muito comovente isso [eu estou contando a título de curiosidade isso não é não é não é propriamente pra :: contar nesta ocasião]... mas em todo caso como nós estamos conversando (p. 216)

Em (10), o falante mais uma vez, como já ocorreu em segmentos anteriores, admite aparentemente a impropriedade do que vai dizer, mas percebe-se, no

contexto, que, com tal estratégia, o seu único objetivo é ouvir do interlocutor um apoio à sua fala.

- (11) **Inf.** [eu não sei se está bem respondida] porque... eu também conversei muito até trouxe
Doc. bah...
Inf. trouxe viagem de Bom Jesus e tal [não lhe atrapalhou um pouquinho a minha resposta?] (p. 217)

Em (11), as duas ocorrências metaenunciativas consistem num apelo ao interlocutor a que se pronuncie sobre a qualidade das respostas dadas pelo falante.

Todas essas ocorrências metaenunciativas podem ser enquadradas na categoria das não-coincidências interlocutivas, pois “representam o fato de que um elemento não é imediatamente ou não é absolutamente compartilhado – no sentido comum – pelos dois protagonistas da enunciação” (Authier-Revuz, 2004, p. 83). Em todas elas o enunciador, explícita ou implicitamente, encena um *diálogo* com o seu interlocutor, negociando com ele o seu dizer. Nesse sentido, o enunciador pode, entre outras ações, desculpar-se ou pedir permissão para usar determinadas palavras ou expressões; tratar de determinados assuntos, fazer alusão a outros; justificar certos procedimentos discursivos ou, ainda, chamar atenção do interlocutor sobre o que e como vai dizer, dando evidência, assim, a seu ponto de vista em relação ao de seu parceiro de interação.

4 ATENUAÇÃO E CORTESIA NA INTERLOCUÇÃO ENCENADA EM OPERAÇÕES METAENUNCIATIVAS

Essa encenação dialogal destinada a evidenciar a não-coincidência interlocutiva põe falante e ouvinte na situação de se manifestarem, um em relação ao outro, corteses ou descorteses. Não iremos aprofundar aqui os fundamentos teóricos para o estudo da cortesia. Limitaremos-nos a destacar que a cortesia é inerente às relações humanas nas mais variadas instâncias em que o ser humano vive e tem como função geral “possibilitar uma gestão harmoniosa da relação interpessoal” (Kerbrat-Orecchioni, 1992, p. 241). A cortesia se manifesta por atos linguísticos e não linguísticos, seguramente com a prevalência dos primeiros, já que as relações humanas, em sua maioria, se realizam linguisticamente ou ao menos vêm acompanhadas de atos linguísticos. Portanto a cortesia é uma atividade linguisticamente pertinente. A sua manifestação tanto ocorre por formulações culturais e socialmente definidas e consagradas quanto por meio de recursos singulares e originais criados no aqui e agora dos atos enunciativos.

A noção de cortesia se desenvolveu a partir da noção de face, concebida por Goffman (1971) e desenvolvida por Brown e Levinson (1987). Em síntese, Goffmann define face como a autoimagem que um indivíduo tem de si e que gostaria de manter na interação com os outros indivíduos. Nesse sentido, reconhecem-se duas faces: a positiva e a negativa. A face positiva é constituída pelos fatores que defendem e valorizam a imagem que o indivíduo deseja para si mesmo na interação com os outros. E a face negativa compõe-se dos elementos que promovem e mantêm a autonomia do indivíduo em seu âmbito de ação.

Numa interação entre um falante e um ouvinte, quatro faces estão em jogo: a face positiva e a face negativa do falante e essas mesmas faces do ouvinte. Nos atos de fala realizados pelos falantes nas interações, essas faces podem ser mantidas e valorizadas, mas, com frequência, são também ameaçadas. Os atos que põem em risco as faces dos interlocutores são denominados por Brown e Levinson de “atos de ameaça à face” (FTAs = Face Threatening Acts):

- a) o falante ameaça a sua face positiva, quando, por exemplo, pede desculpas por algum equívoco, reconhece um erro de qualquer natureza, faz uma autocrítica;
- b) e tem sua face negativa ameaçada por atos de fala como os que lhe impõem fazer uma promessa, trazer uma informação, buscar uma resposta;
- c) o ouvinte tem a sua face positiva ameaçada quando o falante, entre outras possibilidades, lhe tece alguma crítica, desconsidera seu ponto de vista, lhe exige um saber para além de seu provável conhecimento;
- d) e o abalo de sua face negativa acontece em atos de fala que, por exemplo, lhe dão ordens, conselhos ou lhe fazem proibições.

É a partir dessa concepção de ameaça às faces que Brown e Levinson definem cortesia. Do ponto de vista das interações verbais, cortês é todo ato linguístico por meio do qual o falante **impede** ou **atenua** uma eventual ameaça à face de seu interlocutor. Portanto, em princípio, somente as ameaças às faces do ouvinte são concernentes à cortesia, pois somente elas desencadeiam atos corteses, isto é, estratégias de defesa a essas ameaças. “A preferência concedida ao *alter* sobre o *ego* é o fundamento universal da polidez em comunicação” (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 135-136).

Cabe, no entanto, registrar que a cortesia pode também se manifestar em situações em que não haja ameaças às faces do ouvinte. São os casos em que o falante, por exemplo, saúda, elogia, cumprimenta, agradece, enfim destaca ou valoriza a imagem social do ouvinte. Esses eventos de cortesia são muito comuns nas interações cotidianas e não estão, em princípio, vinculados a situações de ameaça às faces apresentadas anteriormente.

Neste último caso, estamos diante de uma *cortesia valorizadora* ou também chamada de *cortesia positiva*. Esta se distingue da *cortesia atenuadora* ou *cortesia negativa*, quando as estratégias de cortesia decorrem da potencial ameaça às faces do ouvinte (cf. Albelda Marco, 2004, p. 115; Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 82 e 83). Segundo esta autora, a cortesia positiva é de natureza “produtiva”, enquanto que a negativa é de natureza “abstencionista ou compensatória”.

Nessas duas perspectivas, o beneficiado pela cortesia é o ouvinte. Mas também o falante pode tirar de sua iniciativa vantagens em favor de sua imagem social. A esse propósito, Flores (2004, p. 98) lembra que a cortesia opera em dois planos: no plano da comunicação e no plano do “efeito social” produzido por ela. Um pedido de desculpas ao ouvinte pode ameaçar a face positiva do falante na perspectiva do primeiro plano, mas no que concerne ao segundo, “ao satisfazer os desejos de imagem de seu destinatário, está realizando um comportamento que é avaliado positivamente pela sociedade, e isso favorece a sua própria imagem” (p. 99). Em síntese, admitindo que a cortesia é a norma nas relações sociais e que a sua função é manter a harmonia nessas relações, importa que a imagem social de ambos os interlocutores seja beneficiada nas interações linguísticas. “É a essa conciliação, por vezes acrobática, dos interesses do falante e do interlocutor que visa o exercício da polidez” (Kerbrat-Orecchioni, 2006, p. 101).

Se analisarmos, de (4) a (11), os oito exemplos de atividades metaenunciativas marcadas pela não coincidência interlocutiva, verificamos que:

- a) em nenhum momento o falante é descortês, ameaçando a face positiva ou negativa do ouvinte;
- b) ao se dirigir ao ouvinte, o falante também não recorre à cortesia negativa, isto é, não se vale de recursos de atenuação, salvo os segmentos (4) e (11), que são pedidos de aprovação em perguntas indiretas;

(4) **Inf.** com referência ao Padre Mosch... eu o encontro seguidamente... outro dia até nu:./ numa missa eu o encontrei... e **[posso dizer o que ele diz para mim quando me encontro?... posso dizer?]**

[

Doc. pode... lógico

Inf. [como é Saul tu continua muito sem vergonha?] (p. 200)

(11) **Inf.** **[eu não sei se está bem respondida]** porque... eu também conversei muito até trouxe

Doc. bah...

Inf. trouxe viagem de Bom Jesus e tal [**não lhe atrapalhou um pouquinho a minha resposta?**] (p. 217)

- c) ao se dirigir ao ouvinte, o falante também não recorre à cortesia positiva ou valorizadora, ao menos não a de natureza linguística, no sentido de saudar, elogiar, cumprimentar o ouvinte. Mas o fato de o falante dirigir-se ao ouvinte solicitando-lhe permissão para dar determinadas informações ou pedindo-lhe para avaliar a propriedade de formulações feitas **valoriza** a imagem social desse ouvinte. Essa postura, cria uma certa dissimetria entre os dois, a qual confere ao documentador uma imagem de superioridade de pesquisador-entrevistador a quem o informante procura responder de forma apropriada. Pronunciar-se, explicitamente, preocupado em responder às perguntas de acordo com a expectativa do documentador cria um efeito de disponibilidade, o que confere valor e importância a seu trabalho e, portanto, valoriza a imagem do ouvinte;
- d) por fim, pedir permissão para usar determinadas palavras ou expressões, tratar de determinados assuntos e fazer alusão a outros ou, ainda, justificar procedimentos discursivos constituem também ameaças a face do próprio falante. E essa é uma forma de o falante criar para si uma imagem socialmente valorizada.

Em síntese, as atividades metaenunciativas que analisamos, mais do que valorizar a imagem do documentador, criam uma imagem social positiva do próprio informante, na medida em que este, pondo sua face em risco, revela-se disponível, prestativo em relação aos propósitos daquele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A negociação entre interlocutores é, sem dúvida, fator fundamental da dinâmica conversacional. Ela comanda, na evolução da conversa, tanto a distribuição dos papéis interacionais, como é o caso da alternância de turnos, quanto o desdobramento temático, a seleção sintático-lexical, a definição dos sentidos. E seja qual for a instância em que a negociação atue, ela se move, em última instância, em função da intercompreensão. Não haveria razão de uma conversa se iniciar, sem que houvesse disposição dos interlocutores em buscar a compreensão mútua. A eficácia argumentativa na busca de seus propósitos comunicativos depende dessa instância fundadora da conversa. Nesse processo de construção da compreensão, cada interlocutor precisa configurar seus enunciados de forma tal que acredite serem compreendidos pelo outro. As atividades metaenunciativas dão especial evidência ao trabalho dos interlocutores na otimização de seus enunciados. Das quatro atividades reconhecidas por Authier-Revuz, duas delas se voltam

particularmente à precisão das escolhas lexicais: a operação que busca a palavra “certa” para a “coisa” a ser denominada e a que fixa o sentido das palavras; as outras duas, grosso modo, evidenciam papéis interacionais: na primeira o locutor distingue fontes enunciativas distintas em seu enunciado e, na segunda, negocia com seu interlocutor um modo próprio de dizer ou ao menos encena essa negociação. É essa última operação que investigamos neste artigo, mostrando o quanto essa negociação é caracterizada pela polidez do falante com seu ouvinte, mais em favor da valorização da imagem daquele do que da preservação da face deste. Não nos autorizamos a generalizar conclusões do estudo feito, já que restringimos a análise a um tipo de interação fortemente marcada pela postura contratual, isto é, pela ausência de pontos de vista conflitivos, e a um número de ocorrências muito pequeno. Talvez a cortesia revelada nos dados analisados se deva a essa especificidade contratual das interações. Por isso é preciso investigar esse mesmo tipo de procedimento metadiscursivo em diálogos polêmicos a fim de verificar se a polidez nele se mantém. Além disso, é imperioso também que, com esse mesmo propósito, mais ocorrências sejam investigadas. Não é nos limites de um artigo, no entanto, que se poderá dar conta desse projeto. O que aqui se fez, nesses limites, foi pôr esse fenômeno linguístico-discursivo em evidência, abrindo assim, a nosso ver, um horizonte de pesquisa no qual poderão surgir revelações importantes a propósito das negociações linguísticas entre indivíduos, nas quais o fato de estes serem corteses ou não é fator pertinente na busca dos vários propósitos que movem as interações.

REFERÊNCIAS

Albelda MM. Cortesía em diferentes situaciones comunicativas. La conversación coloquial y la entrevista sociológica semiformal. In: Bravo D, Briz A, organizadores. Pragmática sociocultural: estúdios sobre el discurso de cortesia em español. Barcelona: Ariel Lingüística; 2004. p. 109-134.

Authier-Revuz J. Palavras incertas: as não-coincidências do dizer. Campinas: Editora da Unicamp; 1998.

Authier-Revuz J. Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido. Porto Alegre: EDIPUCRS; 2004.

Brown P, Levinson SC. Politeness. Some Universals in Language Usage. Cambridge: Cambridge University Press; 1987.

Clark HH. *Arenas of language use*. Chicago: The University of Chicago Press & Center for the Study of Language and Information; 1992.

Clark HH. *Using language*. Cambridge: Cambridge University Press; 1996a.

Clark HH. *Communities, commonalities and communication*. In: Gumperz JJ, Levinson, Stephen C, organizadores. *Rethinking linguistic relativity*. Cambridge: University Press; 1996b. p. 324-355.

Fiehler R. *Verständigungsprobleme und gestörte Kommunikation. Einführung in die Thematik*. In: Fiehler R. *Verständigungsprobleme und gestörte Kommunikation*. Raddolfzell: Verlag für Gesprächsforschung; 2002. p. 7- 15.

Flores NH. *La cortesia como la búsqueda del equilibrio de la imagen social*. In: Bravo D, Briz A, organizadores. *Pragmática sociocultural: estudios sobre el discurso de cortesia em español*. Barcelon: Ariel Lingüística; 2004. p. 95-108.

Garfinkel H. *Studies in ethnomethodology*. Cap. I. Englewood Cliffs: Prentice-Hall; 1967.

Garfinkel H. *Remarks on Ethnomethodology*. In: Gumperz JJ, Hymes D, organizadores. *Directions in sociolinguistics: the ethnography of communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston Inc.; 1972, p. 301-324.

Goffman E. *Interaktionsrituale – Über Verhalten in direkter Kommunikation*. Frankfurt am Main: Suhrkamp; 1971.

Gülich E. *Pour une Ethnomethodology linguistique: description de sequences conversationnelles explicatives*. In: Dausendschön-Gay U. *Linguistische Interaktionsanalysen: Beiträge zum 20. Romanistentag 1987*.Tubigen: Niemeyer; 1991. p. 325-364.

Hilgert JG. *Procedimentos profílatícos na construção do sentido e da compreensão na conversa*. In: Preti D, Quadros M, organizadores. *Comunicação na fala e na escrita*. São Paulo: Humanitas; 2013. p. 71-91.

Hilgert JG. *A emergência da compreensão, mostrada no trabalho colaborativo de otimização de enunciados*. *Todas as Letras*. 2014;16(1):151-167.

Hilgert JG, organizador. A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre informante e documentador. Passo Fundo/Porto Alegre: EDIUPF e Editora da Universidade (UFRGS); 1997.

Kerbrat-Orecchioni C. Les interactions verbales (II). Paris: Armand Colin; 1992.

Kerbrat-Orecchioni C. Análise da conversação: princípios e métodos. São Paulo: Parábola; 2006.

Sacks H. Lectures on conversation (edited by Gail Jefferson, with an Introduction by Emmanuel A. Schegloff). Tomos I e II. Oxford: Basil Blackwell; 1992.

Sacks H, Schegloff E, Jefferson G. A simplest systematic for the organization of turn taking of conversation. *Language*. 1974;50:696-735.

Selting M, Couper-Kuhlen E. Forschungsprogram 'Interaktionale Linguistik'. *Linguistische Berichte*. 2001;187:257-287.

Recebido em: 14/10/14

Aprovado em: 30/10/14